

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

ANTERO DE QUENTAL, UM JOVEM POETA-LEITOR DE EDGAR ALLAN POE E CHARLES BAUDELAIRE

ANTERO DE QUENTAL, A YOUNG POET-READER OF EDGAR ALLAN POE AND CHARLES BAUDELAIRE

Marcelo Pacheco Soares¹

RESUMO: Este artigo, ao analisar os poemas do autor português Antero de Quental escritos no início de sua carreira literária, investiga a clara influência neles exercida pela poesia do francês Charles Baudelaire e, especialmente, pela literatura do americano Edgar Allan Poe, cuja obra, antes de entusiasmar Antero, teve papel importante na formação intelectual do próprio Baudelaire.

PALAVRAS-CHAVE: Antero de Quental; Edgar Allan Poe; Charles Baudelaire; morte; “O corvo”.

ABSTRACT: This article, while analyses the poems of the portuguese author Antero de Quental written in the beginning of his literary career, investigates the evident influence they had by the french Charles Baudelaire's poetry and, especially, by the literature of the american Edgar Allan Poe, whose work, before filling Antero with enthusiasm, played an important role in the intellectual upbringing of Baudelaire himself.

KEY WORDS: Antero de Quental; Edgar Allan Poe; Charles Baudelaire; death; “The Raven”.

Introdução

Disse-nos certa vez Jorge Luís Borges em um artigo sobre a obra de Franz Kafka que *cada escritor cria os seus precursores*. Pois será sob a égide desta assertiva, regidos pela idéia de que livros são sempre escritos *sobre livros* (conforme nos lembra ainda Umberto Eco em seu emérito *Pós-escrito a O nome da rosa*), que poderemos considerar um instrumento valioso para a compreensão de uma obra buscar nas leituras realizadas por um poeta ou prosador a construção da sua própria produção literária. E cremos que resida precisamente aí um dos mais importantes trunfos legados à crítica da obra do escritor oitocentista português Antero de Quental pelo volume de poemas do autor reunidos sob o título *Primaveras românticas*, obra esta que, ao lado de

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ); Doutorando pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). lyseu@ig.com.br

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

Raios de extinta luz, apresenta, sob uma pena ainda inexperiente, a gênese do fazer poético anterior: nestas páginas, será possível investigar a influência que alguns poetas, notadamente Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire, exerceram sobre a poesia de um dos mais eméritos nomes da chamada em Portugal *Geração de 70*.

Em *Primaveras românticas*, Quental publica as peças poéticas que compôs entre os anos de 1861 e 1864, quando era ainda um universitário do curso de Direito (concluído justamente em 1864) e promovia trotes e fazia parte de uma sociedade secreta — conseqüentemente, trata-se de um Quental anterior à *Geração de 70*, às Conferências do Cassino, anterior mesmo às influências de Proudhon e de Hegel e às desilusões que ainda sofreria com a utopia socialista. Divisamos pois neste livro poesias em que, de um modo geral, ainda não se observa o tom reflexivo dos sonetos que consagrarão mais tarde o poeta português oitocentista; via de regra, tão pouco há, é verdade, a qualidade destes sonetos, o que provavelmente motiva que a crítica anterior não se debruce com significativa assiduidade sobre este livro de Antero, para o qual nos propomos a voltar o nosso olhar.

Quanto a estas impressões sobre *Primaveras românticas*, afirma João Gaspar Simões (1962, p. 10) que

a primeira e a segunda fase de sua obra poética — os raios de extinta luz e as primaveras românticas de um lado, do outro, as odes modernas — não prometem nada quanto à efectivação de um génio poético que por assim dizer, na altura, roça pela mediocridade.

E, ainda assim, nestas *Primaveras românticas* nos embrenhamos, menos por exatamente discordarmos do juízo de valor lançado por Simões, mais pelo fato de, entre estes poemas, surgirem alguns em que podemos vislumbrar as impressões que obras alheias suscitaram no jovem leitor Antero de Quental, obras estas que possivelmente deixarão marcas nos posteriores e

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

aclamados *Sonetos*: e, como já esclarecemos, referimo-nos mais precisamente à poesia de Edgar Allan Poe e a de Charles Baudelaire.

Nossa metodologia nem mesmo ambiciona ineditismo se a compararmos com a própria fortuna crítica que cerca a obra de Antero. Para nos atermos a um exemplo expressivo, basta dizer que já nos primeiros passos dos estudos anteriores, de modo análogo, Eça de Queirós (1970, p. 295), contemporâneo e amigo do poeta português, observa que seu admirado companheiro, durante uma viagem, “relê o ‘D. Quixote’, com um interesse e uma paixão renovadas, talvez por sentir que nessa grande história da Ilusão está lendo a sua história”. Vínculos desta natureza certamente nos interessarão, especialmente se subentendermos no sintagma *sua história* a elipse do adjetivo final *poética*.

É interessante ainda lembrar que Carlos Reis (1992, p. 84) tenha definido o ano de 1865 como “tempo de iniciação” para Antero. Portanto, o que nos propomos a perscrutar ao ler poemas anteriores compostos entre 1861 e 1864, anteriores a este *início*, representa em verdade uma investigação a respeito de parte assaz relevante do período em que se consuma a gestação do aplaudidíssimo poeta que Antero de Quental mais tarde se tornaria: o que torna a presença aí de Poe e Baudelaire ainda mais expressiva.

Os contatos

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra. Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? Pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar. Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar. Escusada é a jura, porém. Se as estradas fossem de papel, fá-la-iam, não digo que não. Mas de metal! Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

na nossa boa terra. (GARRETT, 1992, p. 151)

As juras do Almeida Garret narrador das *Viagens na minha terra* de que não andaria *nos caminhos de ferro dos barões* fomentam a discussão sobre o preço a ser pago pelo progresso, conseqüente da Revolução Industrial iniciada em meados do século XVIII, aqui simbolizado pelos trilhos da malha ferroviária que se espalharam pelo território português no século XIX e que, se por um lado facilitaram as viagens ao encurtar as distâncias, por outro passaram a impedir que se tivesse com a própria terra o contato e o conhecimento conseqüentes de um percurso mais demorado.

Ora, o andarilho goza seguramente de razão, ao apontar, sob este específico ponto de vista, os malefícios que as estradas de ferro trazem para o autoconhecimento do povo português. Pois é exatamente por essa coerência ser deveras perceptível no discurso garretiano que se faz no mínimo curiosa a semanticamente oposta afirmação de Eça de Queirós de que estas mesmas estradas de ferro serão responsáveis por radicais (e, mais do isso, positivas) mudanças na conjuntura cultural portuguesa:

Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos caminhos de ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França) torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada manhã trazia a sua revelação, como um Sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado profeta e justiceiro dos reis; e Balzac, com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como o Universo; e Poe, e Heine, e creio já que Darwin, e quantos outros! (QUEIRÓS, 1970, p. 286)

Estas observações, Eça as expõe em texto biográfico e póstumo em homenagem ao amigo Antero de Quental, intitulado *O gênio que era um santo*. Ora, este legado certamente colaborará com a formação do Antero leitor, inserido que estará ele no que Eça chamou *tumulto mental*. E dos poetas que, por assim dizer, desembarcavam no Portugal de meados do XIX, dois ícones

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

da modernidade parecem significativamente influentes à poesia de Antero, uma vez que serão temas de alguns poemas abrigados pelo volume de *Primaveras românticas*: Edgar Allan Poe, citado aliás por Eça, e Charles Baudelaire; dois autores que aliás poderiam ser lidos pelo poeta português no original, conforme é sabido, já que “desde tenra idade Antero teria aprendido as duas línguas — a francesa e a inglesa” (SIMÕES, 1962, p. 12).

Jamil Almansur Haddad, tradutor da obra de Baudelaire no Brasil, ao procurar em Portugal “poetas de alguma raiz baudelairiana (Antero, Guerra Junqueiro, Cesário Verde, Eugênio de Castro)” (HADDAD, 1985, p. 11), afirma que “o caso de Antero mereceria estudo mais profundo” (HADDAD, 1985, p. 67) do que o realizado até então. É improvável que sejam estas nossas parcas linhas o preenchimento desta suposta lacuna da crítica levantada pelo tradutor do poeta francês, no entanto, ainda que estejamos longe disso, é certo que, ao fim dos trabalhos, teremos apontado já alguns caminhos a serem percorridos.

Há, primeiramente, nestes dois poetas — Poe e Baudelaire — um clima soturno que certamente fascinou Antero de Quental, tanto assim é que as suas *Odes* e os seus *Sonetos* de períodos de maior maturidade artística trarão alguns exemplos de construção de semelhante aura lúgubre. “O investimento mimético na temática da morte”, que Dulce M. Viana Mindlin (1992, p. 150) observa já no Antero emérito sonetista, certamente encerra as poesias de Poe e Baudelaire como algumas das suas mais fecundas sementes.

Além disto, vale citar o aspecto, digamos, *racionalista* que permeia o fazer poético de Poe e Baudelaire. Expliquemo-nos: estes dois poetas não fazem uso do discurso, muito comum à maioria dos poetas do Romantismo, que defendia a obra literária como algo que se escreve por si mesma e o poeta como apenas um caminho místico para a manifestação de uma poesia quase autônoma. Poe, ainda que também romântico e até em certos momentos ultraromântico, talvez seja o primeiro escritor a quebrar a sacralidade de que estes artistas em geral cercavam o seu processo criativo, quando audaciosamente

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

exibe os meandros do seu raciocínio na concepção do poema *O corvo*, em texto em prosa intitulado *A filosofia da composição*. Haddad(1985, p. 23) reflete sobre esta concepção artística de

Edgar Allan Poe, na sua teorização em torno dos elementos conscientes, voluntários que entram na elaboração do poema, combatendo assim qualquer interpretação que visa a dar à criação poética gênese de paroxismo mediúnico. Baudelaire fascinou-se por estas idéias de quem surgia como se fosse Mestre seu. Aprendeu do homem do *Corvo* a valorizar o estado de vigília lúcida posto em contraposição ao de sonambulismo onírico, na criação artística. E esta consciência crítica lastrearia a estrutura inteira do poeta.

E, se Baudelaire (que foi inclusive, ao lado de Mallarmé, um dos primeiros tradutores de *O corvo* para o francês, o que ratifica a grande influência de Poe sobre a poesia moderna) não chegou a produzir trabalho semelhante ao do autor americano no que diz respeito ao processo de criação de seu mais famoso conjunto de poemas, *As flores do mal*, é certo que chegou a cogitar da possibilidade. Neste âmbito, o crítico italiano Giovanni Macchia (1961, p. 15) expõe o seguinte episódio:

L'editore invitò a scrivere una storia delle *Fleurs du Mal*: perché e come avesse creato quest'opera, quali il fine ed i mezzi, il disegno ed il método. Dopo alcune esitazioni, Baudelaire rinunciò all'impresa.

E Macchia (1961, p. 16), logo em seguida, explica que

questa difesa del segreto poético non ha niente a che fare con quella voluta dai romantici. Si presenta come una questione di pudore, di aristocrazia, non di ispirazione. Entrare con armi razionali nel santuario dell'arte è possibile soprattutto per Baudelaire, che non è poeta ingenuo, e non ha "perso la chiave" per entrarvi, come invece altri poeti anche contemporanei.

Ora, é bastante coerente que uma poesia filosófica como a de Antero, expressada mais tarde sob a estrutura formal rígida do soneto, beba em versos de poetas, por assim dizer, "racionalistas" como Poe e Baudelaire. Ao

antagonizar Deus e o homem no artigo *Defesa da carta enclítica*, Antero (1942, p. 78) afirmará que “à revelação opõe a razão”; quiçá possamos fazer uma analogia entre esta concepção e a idéia que Baudelaire e Poe adotam quanto aos seus fazeres poéticos. Mais do que isso, parece até fácil identificar como “racionalista” um escritor com Antero, autor de textos expositivo-argumentativos tão bem engendrados como *Bom senso e bom gosto*, *Causas da decadência dos povos peninsulares* e, especialmente neste caso, *Nota [sobre a missão revolucionária da poesia]*. Carlos Reis (1992, p. 83), por exemplo, percebe o vínculo existente entre o pensamento racional de Antero e a sua produção poética ao afirmar que

reclamando, juntamente com o valor da liberdade, o direito à palavra, Antero configura deste modo uma concepção do discurso como ato cívico e do *sujeito como entidade coerente*, numa *linha de pensamento confirmada pelo trabalho poético e pelas reflexões que ele suscita*. (Grifos nossos)

Outro indício de que o processo criativo de Antero de Quental era também confessadamente racional e lúcido reside no episódio em que o autor destrói manuscritos da obra (não-poética, é verdade) *Programa de trabalho para a Geração Nova*, segundo Pedro Luzes (1992, p. 53) por causa da “impossibilidade em que se encontrava de lhe dar ordenação lógica” ou ainda em função da “dificuldade de lhe dar a almejada sistematização”.

Este rigor racionalista, que o poeta imporá também à sua poesia, reflete o comportamento que Antero de Quental adota diante da sociedade portuguesa do seu tempo, a qual criticará com não menor exatidão analítica, o que, talvez não por acaso, dialoga com “a afirmação de Baudelaire de que todo verdadeiro artista deve ser também um crítico” (HAUSER, 1972, p. 1090) e eleva tanto o poeta francês quanto o português a um grupo de artistas, de aparecimento mais freqüente a partir de meados do século XIX, marcados pelo intelectualismo. Apesar de tamanhas virtudes do intelecto, ou talvez até por

isso, é digno de nota que o niilismo que atingiu Baudelaire não poupará igualmente Antero.

Encaminhemo-nos para outra questão: de Eça de Queirós (que, como dissemos, compara Antero a D. Quixote, personagem marcado por profunda dualidade) a António José Saraiva, passando ainda por António Sérgio, não foram poucos os que viram na poesia anteriana *dois anteros*. João Gaspar Simões (1962, p. 41) dirá que “a ambigüidade da sua condição resulta um pouco (...) de ele ter querido viver filosoficamente sem renunciar a viver realmente, a viver concretamente”. cremos que talvez a educação religiosa e o satanismo baudelairiano tenham, em conjunto, contribuído para a formação de algumas das dualidades diagnosticadas na sua poesia, dentre elas, uma das mais evidentes, o insustentável convívio entre Deus e Satã, tão insustentável que a poesia anteriana não apenas nietzschianamente matará Deus como também constatará que fado semelhante terá acometido o demônio:

Nada disto me dá a mim cuidado;
Mas morrer Satanás também de frio...
Mas não haver já mal que se combata...

Não poder já ao demo um condenado
Render a alma imortal... por desfastio...
É isto o que me dói, o que me mata!...
(QUENTAL, 1926, p. 104)

É possível que tenha sido mesmo Baudelaire quem lhe sugerira a inexistência de Deus, uma vez que o poeta Antero cita, na composição intitulada *A Carlos Baudelaire*, de que trataremos mais à frente, os próprios versos do escritor francês:

Considero esse olhar indisível e fito,
É esse lábio cruel... e parece-me ouvir:
— “Nesta vida sem Deus, neste mundo maldito,
Já não há que chorar... o melhor é sorrir!”
(QUENTAL, 1926, p. 123)

E, sintomaticamente, Antero ainda valoriza e corrobora este posicionamento de Charles Baudelaire, já que, na mesma peça, afirmará que o poeta francês é “tão sábio que é ateu” (QUENTAL, 1926, p. 174).

Mas a prova efetiva de que afinal estes dois artistas das letras, Poe e Baudelaire, realmente tocaram o Antero leitor se encontra nos poemas que, na juventude, o português dedicara a ambos, a dialogar explicitamente com o célebre poema *O corvo*, do americano, e a não menos famosa obra *As flores do mal*, do francês.

Em *Do inglês de Edgar Poe*², Antero de Quental faz referência ao poema *O corvo*, recortando dele alguns termos (daí o título da composição, em que a preposição inicial *de* indica a origem dos recortes), como a reconhecida expressão “Nunca mais” que a ave agourenta repete incansavelmente no decorrer do versos de Poe. O poeta português cria uma analogia entre Lenore, mulher ausente que faz o poeta Poe sofrer, e a mulher cuja partida Antero lamenta em seu poema; por isso Antero recupera do texto matricial a idéia da “ave eterna de dor” (QUENTAL, 1926, p. 130), a fim de também simbolizar a

² A ausência do sobrenome “Allan” no título do poema de Antero de Quental é digna de explicação porque curiosamente a origem de seu uso cria um elo entre os dois autores que reconhecemos como influência à obra do poeta lusitano. Explica Ricardo Araújo, biógrafo e estudioso de Edgar Allan Poe: “O poeta norte-americano perdeu, prematuramente, seus pais naturais. Por esse motivo, foi morar com a família Allan, que, de certa forma, o adotou. Poe foi expulso da casa de John Allan e passou a morar com uma tia de nome Mary Clemm. Portanto, Poe, desde a infância, não teve família e isto afetará sua vida e o próprio nome do poeta, pois Baudelaire, que, como Poe, fora criado na infância por um padrasto, ao se referir ao poeta, grafava Edgar Poe, inaugurando, assim, uma forma peculiar de nomear o poeta, que seria mais tarde adotada pelos franceses de maneira geral. Já os americanos, e quase todo o resto do mundo, acrescentam o nome Allan.” (ARAÚJO, 2002, p. 17). Evidentemente, a influência francesa se fez sentir em Portugal — já que, como explicara Eça de Queirós, as idéias novas vinham sempre pelos caminhos de ferro *da França e da Alemanha (através da França)* — e, por consequência, em Antero de Quental.

sua consternação. Mas enquanto em *O corvo* a partida de Lenore é motivada pelo seu falecimento, o poema de Antero expõe outra circunstância para o afastamento da amada, que, segundo se sugere, foi viver na Itália: um matrimônio, enlace que afinal a transforma de *pomba d'amor* que voa livre na *ave de eterna dor* que faz de *ninho o triste e glacial leito nupcial*. Em função do caráter imutável que marca um casamento é que esta *ave de dor* é adjetivada como *eterna* e identificada deste modo irreverentemente com o corvo de Poe e sua triste sentença: “Nunca mais!” — análises consonantes com o que se observa nos seus versos finais:

O céu da tua Itália, não, não brilha
Como brilham meus sonhos, vagos, belos,
Se me falas à noite em sonhos, filha!

Levaram-te! Levou-te a onda dos mares!
A asa da águia! O vento!
Geme cativa — cora sem alento,
Pomba d'amor, saudosa dos teus lares!
Teu ninho agora é triste, glacial...
Um leito conjugal!
Antes a terra escura, pobre escrava,
Aonde — sob a abóbada sombria —
Tua alma os vãos livres estendia...
E o coração amava! (QUENTAL, 1926, p. 131)

Vale aludir que este não é o único poema em que o *Príncipe da Juventude* (como Eça o chamou) faz alusão a uma mulher com compromisso desta natureza. João Gaspar Simões, citando outros poemas que também foram publicados em *Primaveras românticas*, esclarece que Antero,

tendo começado por dedicar versos a uma mulher casada — Beatrice —, ao que parece formosíssima dona dos arredores de Coimbra ignorante da paixão que inspira, em Peppa glosa um desgosto de amor bem real, uma traição segundo as melhores conjecturas. De facto, esse poema parece ter-lhe sido inspirado por uma jovem a quem amava um pouco em segredo — possivelmente a Pequenina do soneto célebre, vaga parente da família do irmão casado em Tomar — e que

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

acaba casando com um amigo seu. Não só esse poema mas toda a sua poesia entre 1863 e 1865 transpira sentimento de traição. (SIMÕES, 1962, p. 38)

Seja ficção, seja mera coincidência bem aproveitada por Antero, o fato de o nome de uma dessas moças comprometidas ser Beatrice proporcionou condições para que se criasse uma afinidade entre a situação exposta pelo poeta português e as circunstâncias do amor platônico cultivado por Dante Alighieri de que era alvo a musa inspiradora de *A divina comédia* — Beatriz; uma correlação que, tão evidente, levou Antero a usar um verso do renascentista de Florença como epígrafe de *Beatrice*.

Todavia, a discussão sobre os diálogos da obra de Antero com os versos de Dante Alighieri deverá ficar para oportunidade futura. Por agora, voltemos às letras franceses do poeta que Antero mesmo chamou de “Dante do Boulevard” (QUENTAL, 1926, p. 172), na composição *A Carlos Baudelaire*, na qual Antero homenageia o autor de *As flores do mal*, ora comparando-o à ambigüidade de uma Gioconda davinciana — “fino lábio a sorrir, sob um estranho olhar! / Tua boca descreve o criminoso, o horrível, / Enquanto a tua voz parece só cantar...” (QUENTAL, 1926, p. 171) — ora reconhecendo-o como “símbolo (...) dum século fantasma” (QUENTAL, 1926, p. 174).

No soneto que Antero escrevera oportunamente em um exemplar de *As flores do mal*, o poeta português se volta para o conteúdo desta obra francesa, com o objetivo de fazer apologia ao fascínio que o Mal exerce sobre o ser humano:

As flores que nossa alma descuidada
Colhe na mocidade com mão casta,
São belas, sim: basta aspirá-las, basta
Uma vez, fica a gente enfeitiçada.

Nascem num prado ou riba sossegada,
Sob um céu puro e luz serena e vasta;
Têm fragrância sutil, mas nunca exausta,
Falamos d’Amor e Bem à alma enlevada...

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

Ma as flores nascidas sobre o asfalto
Dessas ruas, no pó e entre o bulfício,
Sem ar, sem luz, sem um sorrir do alto,

Que têm elas, que assim nos endoidecem?
Têm o que mais as almas apetezem...
Têm o aroma irritante e acre do Vício!
(QUENTAL: 1926, p. 175-6)

Como Eça de Queirós faria bem mais tarde em *A cidade e as serras*, Antero reconhece a urbe como o espaço no qual proliferam os males da civilização, entretanto, ao contrário do desencanto com o mundo moderno sugerido por Eça, Antero se mostra seduzido por este ambiente marcado por, a princípio, características negativas. E será em profunda tensão com esta sociedade citadina (em cujas correções Antero chegará a crer por longos anos) que o poeta viverá até o fim dos seus dias, que ele mesmo tratará de antecipar — como aliás Edgar Allan Poe tentara sem o mesmo, por assim dizer, (in)sucesso.

Referências

- ARAÚJO, Ricardo. *Edgar Allan Poe – um homem em sua sombra*. Cotia: Ateliê, 2002.
- BORGES, Jorge Luís. “Kafka e seus precursores”. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974, v. 4, p. 137-145.
- ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Tradução: Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra*. São Paulo: FTD, 1992.
- HADDAD, Jamil Almansur. “Baudelaire e o Brasil”. In: BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução: Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda., 1985, p. 7-78.
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972, 2v.

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 2 n. 2	p. 39-51	2009 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

- LUZES, Pedro. “A doença de Antero: influência da relação mãe-filho”. In: *Revista Colóquio/Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 123/124, janeiro/junho de 1992, p. 52-62.
- MACCHIA, Giovanni. *Baudelaire e la poetica della malinconia*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1961.
- MINDLIN, Dulce M. Viana. “As medidas da paixão — ou da razão?”. In: *Revista Colóquio/Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 123/124, janeiro/junho de 1992, p. 150-6.
- POE, Edgar Allan. “A filosofia da composição”. In: *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- . *O corvo*. São Paulo: Expressão, 1986.
- QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e a serras*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- . “O gênio que era um santo”. In: *Obras - Notas contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil, 1970.
- QUENTAL, Antero de. *Primaveras românticas – versos dos vinte anos (1861 – 1864)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.
- . *Prosas escolhidas*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- . *Raios de extinta luz*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- REIS, Carlos. “Antero e a consciência da poesia”. In: *Revista Colóquio/Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 123/124, janeiro/junho de 1992, p. 83-92.
- SARAIVA, António José. “A duplicidade de Antero de Quental”. In: *Revista Colóquio/Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 103, maio de 1988, p. 57-60.
- SÉRGIO, António. “Os dois Anteros (o luminoso e o nocturno)”. In: *Ensaio*. Lisboa: Sá da Costa, 1972, v. 4.
- SIMÕES, João Gaspar. *Antero de Quental*. Lisboa: Editorial Presença, 1962.